

HERANÇA

- MAURO MARQUES

- RUI VITÓRIA

- P E R S O N A G E N S -

1º ATO

KIMBA -

MANGO -

LUANA -

KALUNGA -

MOGUTO -

Negra com criança no colo -

Negra do recado -

Época : E S C R A V A T U R A

2º ATO

No segundo ato os personagens são apenas numerados, de um a cinco.

Todavia, são representados pelos atores que interpretaram os personagens do primeiro ato, na seguinte relação:

PERSONAGEM 1 - (Mango)

PERSONAGEM 2 - (Kimba)

PERSONAGEM 3 - (Maguto)

PERSONAGEM 4 - (Luana)

PERSONAGEM 5 - (Kalunga)

Época : A T U A L



- 1º A T O -

C E N A - 1

Ao mesmo tempo em que se abre o pano, apagam-se todas as luzes do teatro, inclusive a cena que fica totalmente às escuras. Após começa a surgir uma iluminação, intensificando aos poucos a claridade no palco, deixando que se vislumbre o interior de uma senzala. Entretanto o cenário não fica totalmente iluminado. À direita, quase ao centro, encontra-se sentado em um banco tosco, de madeira, um preto velho (Kimba), de feições cansadas, mas aparentando serenidade. Segura uma viola e, ao seu lado, sobre um toco rústico, há objetos para fumo. Espalham-se pelo palco vários bancos, distribuídos em semi-círculo cujas extremidades apontem para a platéia, mesinhas, cadeira preguiçosa um catre, um fogareiro a carvão e outros objetos de uso. Há entradas à direita e à esquerda da senzala. Ao fundo, um cenário com uma janela irregular, mostra a casa grande da fazenda, clareada pela lua cheia. Ao abrirem-se as cortinas, ainda às escuras, Kimba começa, com voz rouca e pausada, a entoar o canto-lamento:

SÓ QUERO LEMBRA NESTE CANTO
O ENCANTO DAS BANDAS DE LÁ.
SÓ QUERO VIVÊ NA ESPERANÇA
DE UM DIA O "SINHÔ" NOS LIVRÁ.
NO ENTANTO, SÓ LEMBRO O AÇOITE
QUE A CARNE POR PRETA APANHÔ.
SÓ LEMBRO O SANGUE CORRENDO,
A SINA QUE DEUS NOS MANDÔ.
NÃO VÔ CHORÁ,
POIS TUDO VAI PASSÁ,
AO PERCEBÊ
QUE UM DIA VÔ MORRE.
MEU DEUS QUE TAMANHA AGONIA.
NO DIA EM QUE O BRANCO LEVÔ
O NEGRO, CHORANDO A SAUDADE.



(A esta altura, entra pela abertura esquerda da senzala, um negro jovem, magro, de andar lento mas gingado, olhar matreiro e cínico. Traja camisa branca e calça escura. Tem uma boa apresentação. Após uma rápida olhadela ao redor, Mango aproxima-se do toco onde repousa a palha e o fumo, pega-as e vai sentar-se ao lado esquerdo do velho Kimba, de frente para este, intercalando seus olhares entre o palheiro que prepara e o velho tocador de viola).

(... e continua Kimba, sem nunca haver interrompido seu canto:

DA GENTE DE BEM QUE DEIXÔ,
DA PENA PENSÀ QUE, EM PEQUENO,
SONHEI UMA VIDA VIVÊ.
SONHEI VÊ PRETINHO SORRINDO
E SÓ VI PRETINHO MORRÊ.

(Mango, interrompendo o cigarro que faz, entoa o refrão, juntamente com Kimba)

NÃO VÔ CHORÁ,
POIS TUDO VAI PASSÁ,
AO PERCEBÊ
QUE UM DIA VÔ MORRÊ.

(Kimba continua cantando sozinho, enquanto Mango retorna ao cigarro)

BEM SEI QUE NO FIM TUDO PASSA.
ENFIM, UM FELIZ DEPERTA.
MISSÃO FOI CUMPRIDA COM RAÇA
E O NEGRO PARÔ DE APANHÁ.
DESCANSO DE UM CORPO CANSADO
QUE A DOR DO CHICOTE MARCÔ,
DESCANSO DE UM PEITO RASGADO
QUE A DOR DA SAUDADE MATÔ.

(Novamente Mango interrompe o cigarro e canta junto com Kimba)

NÃO VOU CHORÁ,
POIS TUDO VAI PASSÁ,
AO PERCEBÊ
QUE UM DIA VÔ MORRÊ !



- C E N A 2 -

(Mais iluminado o palco, com os mesmos recursos do cenário. De início Kimba permanece sentado, enquanto Mango, entre compenetrado e irreverente, vai estruturando a conversa com o preto-velho).

M A N G O

É tudo muito bonito, Kimba. A tristeza que a gente canta, às vezes deixa de ser ruim (PAUSA). Fica uma lembrança que nos leva ao tempo da liberdade (PAUSA). Esquecemos a escravidão. Mas isso passa e aí voltamos à realidade. A gente fica pensando e não vê outra vida p'ra nós. Se vive p'ra que ? Por que não se morre antes de nascê ?

K I M B A

(Largando a viola, pega seu cachimbo, começando a prepará-lo. Fala com o olhar perdido no cachimbo, sem encarar seu interlocutor) Parece até que seria bom ! Mas não é, não ! Agora a gente tem vida. Vê coisas lindas : vê o dia amanhecê, vê a flô se abri, vê o vento soprá, vê a natureza bonita. Tudo isso nos enche de esperança. Nossa vida ainda pode mudá. Tu precisa vê o que tem de bom, e não só as coisas ruim.

M A N G O

(Após alguns segundos de silêncio, puxa uma tragada, anda pelo palco vagorosamente) Eu vejo ! (PAUSA) Eu vejo coisa boa. (PAUSA) Mas eu não posso voá, eu não posso sê como a flor, não posso sê como o vento, nem como a água. Eu vejo tudo isso de bon, mas vejo acorrentado. A sorte nos fez só escravo. Parece que a gente não pode senti mais nada. Mesmo com todo o esforço, eu não vejo esperança (Senta-se na cadeira preguiçosa, com as mãos cruzadas sob a nuca).

K I M B A

(Levanta, dá uma volta pensativo, chega à janela e fala, sem deixar de contemplá-la). Tu não ia achá bom morá na Casa Grande?

M A N G O

(Olha-o, com sorriso irônico) Como sinhô o como



K I M B A

(Volta-se, sorrindo, ao interlocutor) Tu nunca fala sério
Mango !

M A N G O

E falá sério ajuda ?

K I M B A

(Não muito convívio) É uma forma de ajuda, mas não falá sério é como fugi.

M A N G O

(já de pé, pensativo e depois revoltado) Tá, eu concordo. Pode sê como fugi... Mas é um fugi seguro, sem castigo, sem açoite e sem morte também.

P'ra que sonhá com o que não pode sê ? P'ra que terminá como Kalunga ? Tentá tanto e sofrê tanto ! P'ra que ficá igual a ele (PAUSA) ? Revoltado, quase doente, sem dá nem p'ra conversá ... (PAUSA) Não Kimba, não ! Eu prifiro ficá com minha mentira ! (PAUSA) Eu quero sê livre ! Quero, sim ! ... Mas não adianta , não dá ! (Faz uma breve pausa, caminhando) Por isso não gosto de falá nessas coisas ... (Fica de frente para a platéia) e também não gosto de conversá com escravo velho. Escravo velho sempre nos enche a cabeça com promessa. (Breve pausa, pensativo) Preciso mesmo é andá, achá graça da vida enquanto posso (Ameaça sair. Encontra Luana que vem entrando e retorna, curioso pela apresentação pessoal da negra).

C E N A III

L U A N A

(Mucama jeitosa, bonita, entre vinte e três e vinte e seis anos, bem trajada, aparentando bons tratos. Entra rapidamente, para, olha para Mango, e se dirige a Kimba, desdenhosa) Volto depois. Pensei que ia te encontrar sozinho.



K I M B A

(Em pé, olhando quem entra) Vem cá ! Fica ! A gente tá falando um assunto que tu vai gostá.

M A N G O

(Levantando as mãos à altura dos ombros e dirigindo-se a Kimba) Pára ! Não quero falá mais naquele assunto. Agora prefiro me ocupá de outras coisas. E virando-se para Luana, com malícia) Nega, tu tá mais bonita que nunca !

L U A N A

(Olhando para Kimba, resoluta) Eu volto depois. (Faz menção de retirar-se)

M A N G O

(Saltando e segurando Luana pela cintura) Não nega ! Fica ! Agora a conversa vai melhorá !

L U A N A

(Empurrando Mango, sai para outra extremidade do palco) Me larga, nego. Detesto você !

M A N G O

(Insistindo, embora de longe) Deixa de dengo ! Eu gosto mesmo de nega que pensa que é branca.

L U A N A

(Vira-se rapidamente, encara Mango com expressão de raiva. Ensaia um gesto de avanço contra Mango. Pára, persistindo, todavia, no olhar rancoroso).

K I M B A

(Calmo, senta e sorri) Luana, vem cá ! Senta aqui no meu lado. (Passa a mão nos cabelos de Luana) Não liga ! Tu sabe o jeito de Mango e não pode também escondê que é linda. Você rexe com ela . Teu corpo é perfeito, teu tipo chama a atenção de qualquer homem. Mais dia, menos dia, tu vai tê que te



... vai tê de usa esse corpo que Deus te deu. Afinal, é o futuro de todas. Já pensou que pode sê mãe ? Já imaginô tê um filho? Criá uma vida. ?

M A N G O

(Maldoso, aproveitando as últimas palavras de Kimba) Ô negal! Que vida e que filho, hein ? ... E vindos daí, credo !

L U A N A

(Olha Mango com desdém. Permanece ligada ao diálogo com Kimba) Criá vida ? Que vida ? Pode se chamá vida o que nós, negras, criamos ? Eu vejo a vida de uma maneira livre, aceita e carinhosa da natureza. A vida encanta. Tem beleza em tudo. A vida sempre prende. Ela é sempre desejada. A vida é sempre maior que a dor.

K I M B A

(Mostrando-se bastante curioso) E onde começa essa vida que você acredita ?

M A N G O

(Calado, faz um gesto de interesse no assunto, mas tenta mostrar-se alheio).

L U A N A

(Avança, agacha-se e coloca a mão direita no joelho de Kimba) Ela começa Kimba, num ideal, num sonho, numa conquista. É aí que a vida começa. (Com expressão de dor, levanta-se e pergunta) Tu pensa que nós podemos buscá alguma coisa ? (Virando-se novamente para Kimba) Tu vê n'algum escravo ânimo e esperança ? (Faz um gesto de desalento) Estamos marcados, Kimba ! Vamo apenas tentando nos salvá. Nada do que pensam os negros pode se chamá vida. Pior é que o negro parece que se acostumô a não vivê. (Após dizer estas palavras, caminha e deixa-se cair num dos bancos).

K I M B A

(Faz uma pausa fitando o chão e, em seguida, ...



uma negra que entrava no palco, dirigindo-se para o fundo da sala) Vá chamá Moguto e Kalunga. (Vira-se, perde seu olhar no fundo da platéia. Após alguns momentos, olha novamente para Mango e Luana) Vamos esperá Kalunga e Moguto e tê uma conversa guardada há muito tempo. (Levanta-se pensativo, pára diante de Mango, permanecendo assim por alguns segundos. Em seguida, vira-se para Luana e continua) Eu penso como você. Mas, olha: cada criança que nasce pode tornar-se uma promessa. Quem sabe o futuro guarda melhor vida p'ros filho ... quem sabe !

L U A N A

(Ainda sentada, contempla Kimba) Meu maior desespero é pensá que serão igual a nós... que sentirão apenas o gemer da carne, sem libertá o espírito. Dói vê que serão como nós.

M A N G O

(Atento, mas com expressão perdida, solta o pensamento sem dar-se conta) E isso é ruim... muito ruim.

K I M B A

(Voltando-se a sentar com Luana) Sempre existe um sonho, mesmo é que a gente seja bruto. Um dia a maldade vai acabar. (PAUSA) Alguma coisa me diz que o homem existe p'ra sê feliz. Não podemos desesperá. Eu aprendá a ter paciência.

L U A N A

(Erque-se quase revoltada, falando com raiva mas pausadamente) A paciência... talvez ela nos faça forte, mas nos deixa cansados. Sinto vontade de falá, gritá, exigí. Nós, negros, precisamos também tê vida !

K I M B A

(Fitando o chão pensativo) Enfim, me aparece alguém que consegue pensá. (Virando-se para Luana) Ah, Luana, tu honra este velho.

M A N G O



MANGO

(A título de provocação, com malícia, também dirigindo-se a Luana) Vai Nega, aproveita! Fala o que pensa. Ninguém vai te negá nada.

LUANA

(Sem dar atenção a Mango, prossegue mais calma, em atitude de profunda reflexão) Não se vê futuro. Não se tem esperança. É tudo muito difícil... a gente sofre demais... não pode mesmo esperá!

KIMBA

(Ajudando-a na reflexão) Mas Luana(PAUSA) o sofrimento tá na gente, tá na vida. Ele aparece em tudo e nos obriga a lutá.

LUANA

(Levanta-se e olha com carinho uma negra que passa ao fundo com uma criança ao colo) Se pode a isso chamá criança? Mais parece um vulto sem vida buscando o nada. (Dirige seu olhar à platéia) Estas são as nossas crianças'.(apontando com o dedo) Filhos do sofrimento. Eles não têm nada... também quase não são nada. Quem pode garanti por eles?(Breve pausa) Vejo bonitas falas sobre família, educação e liberdade. Coisa de branco! Mas eu queria que fosse também coisa de gente como nós. Ou vocês acham que isso tem cor ou idade? (Senta-se, deixando-se cair)

KIMBA

(Chega-se à negra, tocando-a com carinho) Tenho medo de vê o tempo passá e nossa esperança enfraquecê. Nós precisamos ter força p(rá não desisti nunca de buscá o que a gente qué. (Senta em um dos bancos do semi-círculo)



M A N G O

(Sentado num dos bancos e debruçado em seus próprios joelhos) Nada vai mudá nunca. Vai sê sempre assim. (Levantando a cabeça pa-
ra Kimba) Bobagem querê sonhá. Negro precisa é sê calmo. Não po-
de se apavorá. Essa liberdade aí é fala p'ra querido de "birchá"
Isso nem todo branco tem.

L U A N A

(Ergue-se raivosa, tendo ouvido a fala de Mango. Olha-a de-
safiante) Essa liberdade existe, sim! Só não existe p'ra gente
como tu, p'ra gente que não acredita em mais nada, que só debo-
cha da vida. Então tu nunca quis sê livre? Tu nunca desejou
nada? (Mais calma, dirige-se a Kimba, ajoelhando-se diante de-
le, sentando nos calcanhares e debruçando-se nos joelhos do ve-
lho) Kimba, meu velho, eu também sonhei sê mãe. Mas eu quero
uma vida melhor. Eu quero sê mãe, sem precisá sê escrava. Eu
preciso sê livre p'ra criá uma vida feliz. Eu preciso sabe an-
tes que meus filhos vão sê diferentes de nós. Vão podê olhá
uma flôr quando quiserem. Eu penso numa criança livre: ela é
segura... pode andá, pode sonhá e até realizá seu sonho. É al-
guém que pode cobrá seu direito. É um negro diferente. (Senta-
se para trás, apoiando-se em ambas as mãos com os braços estica-
dos) Um negro livre se arrisca sozinho. (Pausa breve) PORDEUS
Kimba: eu quero um mundo onde isso seja possível. (Levanta e
senta em um dos bancos do semi-círculo).

= C E N A IV =

)A esta altura, aparecem Kalunga e Moguto. Moguto, um negro jó-
vem de porte médio, vestindo calças listradas e camisa branca de
punhos e golarinho engomados. Após uma breve olhadela aos de-
mais, entra e também senta em um dos bancos ali existentes, pergun-
tando, todavia, calado. Kalunga é forte, alto, peito aparecendo
sobre a camisa amarela meio desbotada, amarrada com um nó à al-
tura superior do umbigo. Traja elças claras, justas, com
primento chega apenas um pouco abaixo dos joelhos. (À entrada
à entrada, olha também os demais e fala, entre despretensioso e en-
tusiástico).



K A L U N G A

Será que finalmente resolveram se juntar ao meu grupo ? Ou ao menos de cabeça baixa resolveram protestá ?

K I M B A

(Olhando-o com seriedade, aponta com o queixo uma cadeira) Senta ! (com um sorriso irônico, Kalunga caminha lentamente em direção indicada e senta).

K I M B A

(Dirigindo-se a Kalunga e Moguto) Achei que vocês podiam participá desta conversa. (Dirigindo-se apenas a Moguto) Eu sei que tu tens uma boa situação na casa Grande. Até o "sinhô" te deu estudo. Não se pode negá que és nego esclarecido. Mas tu deve sabê que fui companheiro de teu pai. Sofremo juntos e só não morremo no mesmo dia, porque eu fiquei doente três dias antes daquela fuga. Desde aquela época tu foste criado dentro da casa Grande. Mas sei também que, embora pequeno ainda, nunca esqueceste teu pai, no poste, morto, com o chicote nas costas. Não acredito que vinte anos de vida boa tenham te mudado. Por isso te chamo mei. Nós queremos sabê o que tu pensa ?

K A L U N G A

(Irônico) E quem não sabe o que ele pensa ?

M O G U T O

(Levanta-se de um salto, mas a voz de Kimba se faz ouvir bem alto).

K I M B A

(Senta, e virando-se para Kalunga) Ao menos hoje, aqui, vamos esquecer as brigas. (Moguto senta)

K A L U N G A

(Levanta-se, fazendo um gesto brusco com a mão) Não gosto do jeito dele. Sempre teve os dengo do "sinhô" (Aponta para Kimba)



Tenho feito de tudo querendo sê livre !

M A N G O

(Sorrindo, ironicamente) Pena que você não tem conseguido isso!

K A L U N G A

Tenho sim ! Embora poucas vezes.

M A N G O

E de que modo ?

K A L U N G A

É só vê quantas vezes fugi. Nem sei por quanto lugar já a ndei, a quanto "sinhô" já servi, e quanto já fui explorado. Mas isso é coisa minha. Eu vou fugi sempre. Vou tentá escapá, até que ' possa.

KIMBA

Será que resolve ? Isso deixa muita dor e sofrimento.

K A L U N G A

(Caminhando pelo palco) A mim não importa dor e sofrimento. Já fui preso muita vez. Já tive no tronco. Apanhei muito. Tenho a marca do chicote mas sinto dor. Sinto é raiva e revolta. (Permanece andando pelo palco).

M O G U T O

Então você acostumou com o sofrimento ?

K A L U N G A

(Que estava de costas para Moguto, vira-se repentinamente, apontando-lhe o dedo) Isso nunca ! (E virando-se para os demais da tendam : eu troquei. Troquei a dor e o sofrimento por um pedaço de pão.)



de raiva. Eu tenho vontade a té de saf de mim. P'ra sê livre, eu até deixava este corpo. (Vira-se para a platéia) Todos os negros têm medo. Nenhum deles tá fazendo nada p'ra que a gente melhore. Acho que estamos mesmo é negando nossa raça. Cansei de vê em sonho muito preto-velho, banhado em sangue, tentando sê libertá, tentando fugi das mão de sinhô branco. Negro nascido aqui é que se acostumô a sê explorado e a apanhá. O negro se acostumô... e isto é o que me revolta ! (Dirigindo-se ao grupo de negros sentados) Será que a gente não tem força p'ra lutá ? (Caminha em direção à janela, vira-se para Kimba e aponta para Moguto) Será que vamo ficá parado, sem fazê nada, como Moguto ? (Volta-se novamente para a janela e perde seu olhar na mesma. Coloca as mãos nos bolsos e permanece assim, refletindo).

M O G U T O

(Levanta e fala com Kimba, apontando para Kalunga) Kalunga me acusa de ser covarde, mas não sabe que minha escravidão é maior do que a dele. (Caminha pelo palco, ora dirigindo-se a um, ora dirigindo-se a outro dos personagens) Quanto mais perto se está de quem manda, mais ordens se recebe. Kalunga ao menos pode ser às vezes autêntico. É livre inclusive para fugir. Não tem nada a perder. Eu, além de ter o meu senhor, sou escravo de mim mesmo. Para não perder a posição em que estou, obrigo-me a agir contrário aos meus ideais. Não posso ser eu mesmo em momento algum. (Faz uma breve pausa, andando pelo palco) Vocês já viram com que força a água desce da serra ? Ela é forte porque é solta, porque se governa, porque segue só os impulsos da natureza. Vocês já pensaram o quanto estou preocupado consigo mesmo ? É isto que me proíbe de encherar outros horizontes. (Senta-se também em um dos bancos do semi-círculo).

M A N G O

Será que Moguto só pensa nele mesmo ? (Kalunga caminha e senta-se também num dos bancos).

L U A N A

(Dirigindo-se a Moguto) Ele qué uma liberdade só p'ra ele mesmo. Ele pensa nunca em todos. É que ele não viveu com negro.



do açoite. Ele não viveu com negra-mãe chorando seu filho morto... (PAUSA)e quando tremeu de frio por falta de roupa ?... Quando ? ...

M O G U T O

(Levanta-se e fala, dirigindo-se a todos com ar de revolta) Alguma vez já acusaram algum de vocês de traidor ? Alguma vez outro negro já olhou algum de vocês com nojo, ou lhes cuspiu ao passar ? Alguma vez já viram algum amigo ser açoitado, sem poder dar-lhe conforto ou cuidar de seus ferimentos ?(PAUSA BREVE) Eu amo a liberdade, sem tê-la também. Sou obrigado a agradecer e servir quem ordenou inclusive a morte de meu pai, e me detesto por isto ! Tenho mulher e filhos e também sou obrigado a cuidar deles. (Senta-se reflexivo, em outro dos bancos do semi-círculo).

K A L U N G A

Mulhé e filho não importa! Temo é que conquistá nossa liberdade!

L U A N A

Conquistá ? ... Mas, como ?

K A L U N G A

(Virando-se para Luana) E o que os outros nos deve ? Tu acha pouco o que nós já sofremo ? Nós temo é que nos vingá de muita gente !

K I M B A

(Balançando a cabeça, negativamente) Kalunga, meu filho(PAUSA). Você tá revoltada e vingativo. Deus nos livre dessas coisas !

K A L U N G A

(Levanta-se, virando-se para a platéia) Deus não nos esquecê a vingança ! Eu quero cobrá de cada um tudo o que me fizeram !



K I M B A

Você tá doente de duas escravidão ! Vai sê difícil você se libertá, Kalunga !

K A L U N G A

(Virando-se para Kimba, com dedo em riste) Não preciso ouvi ninguém. Eu vou achá um jeito de me libertá.

M A N G O

Mas cumé que tu vai organizá um movimento de grupo ? Tu vai sempre querê uma liberdade só p'rá ti.

K A L U N G A

(Virando-se para Mango) Eu não sei nada disso ! (Virando-se para o restante do grupo e andando lentamente) Sei do que tá aqui dentro (colocando a mão sobre o peito). Eu quero dirigi meus negros, não p'rá sê chefe (PAUSA BREVE) mas p'rá derrubá todo o signhô que nos faz sofrê. A gente tem que mudá de vida. O branco tem que desaparecê... ele e toda a grandeza dele ! (Senta em um dos bancos do semi-círculo, permanecendo pensativo)

L U A N A

(Ainda sentado) Não seja cruel ! Se nós não pudé vê nossos filhos igual a todo mundo, não precisa matá ninguém.

K I M B A

(Ainda sentado, dirigindo-se a Luana) Mas, então, cumé que cada um vê a liberdade ?

APAGAM-SE TODAS AS LUZES, PERMANECENDO ILUMINADA APENAS A JANELA DO FUNDO DO CENÁRIO.

L U A N A

(Convicta) Kimba, eu não vou dizê cumé que eu vejo a liberdade. Eu vou dizê cumé que eu quero a liberdade: eu quero que a gente possa vivê do jeito que quisé... um tempo, mas os filhos possam tentá tudo. Aí eles vão se soltá.



... Vão se grandes até.

M O G U T O

Eu, Kimba, quero um tempo onde a gente possa viver de seu trabalho, sem depender de ninguém. Quero um tempo onde a gente possa subir sozinho, só pelo trabalho, sem precisar agradar ninguém. Cada um vai se defender como pode, tentando sua própria vida para conquistar seu lugar. Só aí vai haver liberdade mesmo.

K A L U N G A

Eu não acredito que isso vá acontecer. Sempre vai tê sinhô e escravo ou coisa parecida, e eu não aguento mais sê escravo, minha liberdade vai sê fugi.

M A N G O

É muito difícil o que vocês falam. Negrô vai sê escravo sempre!

K I M B A

Eu acho que o negro tem também sua história. Eu acredito na liberdade. Deus não pode tê dado vontade só p'ro branco... e eu acredito em Deus.

(ACENDEM-SE TODAS AS LUZES DO TEATRO)

K A L U N G A

(Levantando-se, enérgico, vira-se para a platéia, exaltado) Qual tipo de Deus? (Vira-se bruscamente, apontando a Casa Grande, vista pela janela) Esse Deus deles aí? (Torna ao público) Um Deus só da promessa? Um Deus que fica longe do pobre, do escravo, do sofredor? Esse Deus do altar de ouro? Mais brabo que o meu sinhô? (Pára, deixa cair os braços, e caminha catibainho e passivo para a porta da senzala. Vira-se lentamente para a platéia) Esse Deus, nunca vai nos aceitar. (Vira-se novamente para a porta, ao mesmo tempo em que se apagam todas as luzes e se fecha o pano).

FIM DO PRIMEIRO ATO



- 2º A T O -

C E N A - I

O cenário consta de cinco planos elevados, colocados em semi-círculo cujas extremidades apontam para a platéia. Ao fundo, sobre uma base ou painel escuro, um desenho representando uma mala, em sentido horizontal, perspectiva de fundo à frente do palco. Com o teatro todo às escuras, abre-se o pano. Uma luz intermitente incide sobre dois personagens de sexo masculino, postados cada um, respectivamente, nos planos intermediários do semi-círculo, trajados de preto.

PERSONAGEM - 1

Somos senhores de intermináveis anseios.
Carregamos o peso da angústia.
Trazemos a marca de uma história complexa.

PERSONAGEM - 2

Geme em nós, acorrentado, aquele ser primeiro,

PERSONAGEM - 1

Livre,

PERSONAGEM - 2

puro,

PERSONAGEM - 1

andarilho,

PERSONAGEM - 2

despretencioso,

PERSONAGEM - 1

aberto,



PERSONAGEM - 2

Conquistador de vitórias fáceis,
desbravador de eternos caminhos,
deslumbrado pela alegria de possuir o suficiente.

PERSONAGEM - 1

Apossou-se de nós este ser adjunto,
cheio de marcas trágicas,
perfeccionista maníaco,
controlador sem piedade,
vendedor de juízos,
medroso dos riscos,

PERSONAGEM - 2

Moldou-se o homem-máscara.

PERSONAGEM - 1

Alterou-se a essência-vida.

PERSONAGEM - 2

Transformou-se a vida-imanência.

PERSONAGEM - 1

O retrato do falso na caricatura do civilizado.

AMBOS OS PERSONAGENS

(juntos, irônicos, à platéia) Revoltado ?

C E N A - II

(O personagem dois (2) senta-se em um dos planos elevados. O personagem um (1), no chão, encostado no outro plano elevado. Nente incide um "spot". O resto fica às escuras.)

PERSONAGEM - 1

Pois é, cara ! A gente tá numa boa. Vai viver,
vai passando, e tudo bem. Mas aí, dá a toca de u



sem se dar conta, parar p'rá pensar. E aí não dá mais pé, não. Então nos lembramos de toda uma juventude, de todo um mundo de sonhos, de toda uma aspiração. Nos vemos caindo num buraco abigmo de falsidades. E o que é pior... a certeza dos sonhos e das aspirações em que a gente poderia se agarrar, não existe mais. Ficou tão distante que nem se fôssemos gênios poderíamos alcançá-la. Aí, cara, a gente continua pensando e se vê cada vez afundando mais. Aquilo que negávamos tanto quando não tínhamos esses compromissos bestas com essa besta sociedade é o que vemos no espelho, quando nele agora nos olhamos. É exatamente a figura antagônica da que sempre sonhei. P'rá ganhar um tutu qualquer, eu me nego totalmente a toda hora. (PAUSA BREVE). E o pior: já me acostumei... virou rotina !

C E N A - III

No centro do palco, ilumina-se o personagem dois(?), ficando o restante apenas em penumbra. O referido personagem pega o violão, enquanto fala)

PERSONAGEM - 2

(irônico) Rotina ... (pensativo) rotina... (sério) rotina ...
(começa a cantar)

Busquei,
em vão, coragem,
resistir.
Quis transgredir,
quis agredir,
quem sabe até
mudava tudo.
Sentir-me livre e solto
p'rá sonhar!
Vou ter espaços meus,
romper grilhões,
vencer ateus.

E o mar bravo
enfrentarei.

Armei canhões,
me preparei,



e a guerra de rotina então surgiu.
Mas veio a calmaria,
naufraquei.
E um dia passa, outro também.
Na lama funda
descansei... descansei !

O personagem dois, acompanhando-se no violão, assobia até o sétimo verso, enquanto o personagem um declama a mesma parte da letra. Daí em diante, ambos cantam até o final da música.)

PERSONAGEM - 1

(Levanta-se e declama para a platéia. A luz passa a inclinar-se sobre ele).

Na busca de fugir sempre
do que assusta, massacre ,
no rebelar o padrão,
no repetir-se o formal,
na dor de não dizer nada,
porque falar desconforma,
resta o apelo ao fatal.
E este também repete
as convenções já cantadas,
as novidades do ontem,
o cansaço do normal.
Sou cego de olhos abertos,
pouco me há de esperança.
Esvai-se meu pensamento,
até negarme consigo.
Se o repelir libertasse,
se em gritar ouvesse alento,
eu me tornava um contraste...
eu me fazia um momento:
instante de encontro e calma,
crença de ver sem sentir,
previvendo calmarias,
eu me tornava oferenda:
toma vida, minhas forças,
eu te hipotéco energias;
pega o bem que me alucina



transforma o mundo no berço,
onde o simples seja ideário,
onde a paz seja rotina.

(Apagam-se os "spots". Acendem-se unicamente uma ou mais luzes vermelhas na parte baixa do palco)

PERSONAGEM - 2

(larga o violão ao lado e se dirige informalmente ao outro) Falaste em quando a gente pára p'rá pensar . Falaste nos teus condicionamentos interiores. Eu também me sinto preso várias vezes. E são prisões que, na sociedade, atualmente, não há como evitar. Todos estamos presos a vários condicionamentos. Eles são consequências da própria estrutura da vida atual e, se quisermos ignorá-los, seremos considerados loucos.

PERSONAGEM - 1

(Sentando-se no plano elevado, de frente para o interlocutor)
E daí ?

PERSONAGEM - 2

E daí... que as regras... todas as regras são ditadas, hoje em dia, pelo comportamento da maioria. Ela faz a lei. Ela faz a moral. Ela faz o bom senso... e outras tantas coisas mais.

PERSONAGEM - 1

E isso aí bicho ! Se a maioria andar errada, o cara tem de andar errado também.

PERSONAGEM - 2

Não. Não tem ! Mas, inevitavelmente, quando se dar por conta, estará inserido na estrutura da maioria. Entra nela sem luta...tranqüilamente.

PERSONAGEM - 1

E aquele cara, de ideal formado, íntegro, será que vai se deixar levar assim tão fácil ?



PERSONAGEM - 2

Eu já te disse: ele não se deixa levar. Ele é levado e não se dá conta disso. E, além do mais, ... íntegro? Em qual padrão de integridade? ... Não será o ditado pela maioria? Não terá sido levado pelas circunstâncias da vida, não? Cuida bem: faz de conta que és um escritor e estás dando recém os primeiros passos. Escrever artigos botando o teu "eu" nos trabalhos. A coisa vai... anda... e nenhum editor te aceita porque acha que a maioria não é vendável. Insistes... insistes, mas morres de fome. Aí lá um dia qualquer, no lançamento, por exemplo, de um artista "pop" qualquer, é necessário alguém que trabalhe apenas em cima da bajulação do falso. A chance te é oferecida. Ainda por te fazes conta, te agarras nessa corda e, quando vês, (pausa) te vendeste também.

(A atitude dos atores se modifica. Saem do informal e, em pé, frente ao público, repetem num crescendo, terminando barulhento e gritado).

PERSONAGEM 1 e PERSONAGEM 2 (juntos)

Vendido!..... Vendidos! VENDIDOS !

(Apagam-se as luzes do centro do palco. Os dois personagens seguem para o meio da platéia, iluminada por dois "spots", dirigindo-se ao público).

PERSONAGEM - 1

Ainda esperais vós na raça humana ?

PERSONAGEM - 2

E há nesse esperar algum alento ?

PERSONAGEM - 1

Ainda credes vós na pura força?

PERSONAGEM - 2

Que força é essa que morrer nos faz ?



PERSONAGEM - 1

Ainda esperais vós o encontro afável ?

PERSONAGEM - 2

Afável pode ser quem só compete ?

PERSONAGEM - 1

Mas que certezas tendes vós aqui ?

PERSONAGEM - 2

E por quais verdades inda dais a vida ?

PERSONAGEM - 1

Não será o mesmo o nosso desespero ?

PERSONAGEM - 2

Não estará também em jogo nossa segurança ?

PERSONAGEM - 1

Acaso sentis serenados vossos ânimos ?

PERSONAGEM - 2

Será que serenar não é covarde ?

PERSONAGEM - 1

Podeis me dizer quais são vossas garantias ?

PERSONAGEM - 2

Podeis me jurar que não morreis de medo ?

PERSONAGEM - 1

E na hora da calma o que pensais ?

PERSONAGEM - 2

E no meio do trabalho por onde andais



PERSONAGEM - 1

E no turbilhão da rua, aonde ides ?

PERSONAGEM - 2

E os vossos filhos ?

PERSONAGEM - 1

E as vossas mães ?

PERSONAGEM - 2

E as vossas posses ?

PERSONAGEM - 1

E o vosso físico ?

PERSONAGEM - 2

E a vossa força ?

PERSONAGEM - 1

E a vossa dor de dente ?

PERSONAGEM - 2

E aquele olhar impaciente,
aquela marca escondida,
aquele soluço interior ? ... DEUS !

PERSONAGEM - 1

(Começando a dirigir-se para a frente do público, mas sem subir ao palco).

Que é do equilíbrio da vida, senhores ?

PERSONAGEM - 2

(também começando a dirigir-se para a frente do público. Também não sobe ao palco. Ficará de frente para o público, como o personagem 1, após a próxima fala)

Onde foi posto o bem ?

Que foi feito da paz ?



C E N A - IV

(A esta altura, ambos os personagens já estão colocados na frente do público, mas ainda fora do palco. Os "spots" permanecem incidindo sobre cada um deles. Perfilados, começam a declamar)

PERSONAGEM - 1

Vede com que ardil se forja o crime !
Vede com que arte se explora !
Vede se há esperança que anime !
Vede tanto bem jogado fora !

PERSONAGEM - 2

Vede a liberdade em vão sonhada !
Vede o riso dado em louco pranto !
Vede o estreitar da caminhada !
Vede tanto amor tornado espanto !

PERSONAGEM - 1

Vede a maresia sublimada !
do tumulto, da ânsia, do egoísmo !
Vede o homem perdido em suas telas !

PERSONAGEM - 2

Medí o quanto há de hipocrisia
enquanto o homem, em doida correria,
escravo se fizer de via correios !

(Os personagens sobem ao palco, ficando de costas para o público. Apagam-se todas as luzes do teatro. Os personagens retiram-se para os bastidores).

C E N A - V

(Os personagens,) digo, Com o teatro às escuras, cai o cenário de fundo, erguendo-se uma tela totalmente branca. Acompanhando versos reproduzidos por gravador, projetam-se slides, dentro do seguinte roteiro).

ESLAIDE 1 (bandeira, símbolo dos piratas)

VOZ: - Nas profundezas dos mares,



ESLAIDE 2--(mendigo dormindo nas folhas caídas de uma árvore)

VOZ: - Nas folhas mortas caídas,

ESLAIDES:3--(cenário de altar com imagens eóricas)

VOZ: - nos poucos santos altares,

ESLAIDES 4--(um ponto de interrogação)

VOZ: - vontades e dores contidas.

ESLAIDE: 5--(cenário com mulher em desespero)

VOZ:- Na paz de mulheres perdidas,

ESLAIDE: 6--(Pessoa com esparadrapo, tapando-lhe a boca)

VOZ:- no som de vitrolas quebradas,

ESLAIDE: 7--(cenário de um viciado aplicando-se drogas por injeção)

VOZ:- nas tais liberdades contidas,

ESLAIDE: 8--(um ponto de interrogação)

VOZ:-CONJUNTO DE DUAS VOZES: vontades e dores contidas.

(Dequi em diante, a projeção fica mais rápida:)

ESLAIDE: 9 (vários homens e mulheres enrolados numa rede)

VOZ: - Nas tramas de tantos anseios,

ESLAIDE:10 (ponto de interrogação)

VOZ:-CONJUNTO DE TRÊS VOZES: vontades e dores contidas.

ESLAIDE:11 (cenário de uma criança no chão e de um homem, de costas, pisando-lha em cima)

VOZ:- na fé da criança oprimida,

ESLAIDE:12(ponto de interrogação)

CONJUNTO DE QUATRO VOZES: vontades e dores contidas.

ESLAIDE:13 (uma pessoa sentada em uma cadeira, cabeça para trás, de olhos vendados, no meio da lama)

VOZ:- na lama de tantos alheios,



ESLAIDE:14(ponto de interrogação)

CONJUNTO DE CINCO VOZES: - vontades e dores contidas-

ESLAIDE:15(cenário de três ou quatro pessoas sentadas ,
num bar, e uma outra contando-lhes segredos).

VOZ:- Nos cantos de becos e bares,

ESLAIDE:16(ponto de interrogação)

VOZ:CONJUNTO DE SEIS VOZES:-(com volume mais alto) -
-vontades e dores contidas-

ESLAIDE:17(várias pessoas sentadas no meio-fio da calça-
da, com as cabeças pendidas sobre o peito).

VOZ:- no pranto de mentes sofridas,

ESLAIDE:18(ponto de interrogação)

CONJUNTO DE SETE VOZES:(COM VOLUME MAIS ALTO)-vontades e
dores contidas-

ESLAIDE:19(cenário com eslaide que se divide em duas par-
tes. A primeira, contendo um campo. A segunda
uma rua movimentada).

VOZ:- enfim, em todos lugares,

ESLAIDE:20(vários pontos de interrogação)

CONJUNTO DE OITO VOZES:(com volume mais alto) - vontades
e dores contidas -

C E N A - VI

(Os personagens, de volta ao palco, vestidos com indumentárias ,
toda branca, estão em pé sobre os respectivos planos elevados.
Incide sobre eles apenas uma luz negra, tendo entretanto o cená-
rio inicial do segundo ato).

PERSONAGEM - 1

Precisei sondar o fundo dos abismos.
Precisei sair à cata de emergências.
Foi-me necessário ir até em busca do erro
no anseio que tive de uma descoberta.



PERSONAGEM - 2

Não vos parece urgente uma amenidade para a vida ?
Não há urgência de um grave momento de tranqüilidade ?
Seriam o sofrimento e o desejo a única constante nos viventes ?

PERSONAGEM - 1

Permiti que vos demonstre o milagre que me surpreende:
em meu andar de curioso,
jogando com mil destinos,
de meus momentos profundos,
nos restos de tudo, enfim,
eu vislumbrei um encanto:
- eis a pureza primeira:
vede um homem, meus amigos !

PERSONAGEM - 2

Um homem ?
Verdade ! ...
Ele é ser rico, eu afirmo !

PERSONAGEM - 1

Rico de jeitos,
de gostos,
de febres,
de inseguranças!

PERSONAGEM - 2

Ele é rico de mistérios,
de desejos,
de tolerâncias,
Pleno de incoerências.

PERSONAGEM - 1

Mas é um homem, eu afirmo !
E de homem tem toda uma promessa,
e por homem representa uma esperança.

PERSONAGEM - 2

Promessa de encontro,



onde toda a natureza pode tornar-se um presente.
Promessa do cultivo,
onde tudo se explica e se funda,
em busca de um bem maior.
Promessa de proposta,
pela qual o universo inteiro tomará ^{um} sentido areno,
digno, veraz.

PERSONAGEM - 1

Eis o homem, monumento da esperança,
passível de enganar-se, mas corajoso de recomeçar,
síntese do mal do universo, mas encantado com os valores
de ser,
escutador paciente dos ruídos do mundo,
mas autor das notas harmônicas da criação.

PERSONAGEM - 2

Eis o homem, ora fraco,
ora tímido, perdido,
eis a grandeza maior em resultado da vida !

AMBOS OS PERSONAGENS

(Após uma breve pausa e um suspiro de desalento - outra pausa)

ACREDITAIS ?

- C E N A - VII -

(O personagem dois senta-se em um dos planos elevados. O outro
desce do plano em que estava e inicia o monólogo, sempre caminhando
de pelo palcô, enquanto apaga-se a luz negra e a cena ilumina-se
levemente).



PERSONAGEM - I

Pois eu acredito, bicho ! Eu acho um barato essa capacidade ' que a gente tem de se amoldar às coisas. O cara tá numa ruim e no outro dia já se acostumou. Sai na rua, encontra um malgão que pergunta: - Como é que tá ? - Tô numa boa ! E se a coisa piora , ele vai se ajustando e no outro dia, mais uma vez, tá numa boa . Ou então, ao menos:- vou vivendo... vou vivendo. Nem se lembra ' de corrigir: - vou vegetando... vou vegetando ! ... O homem, inconscientemente procura espantar a dor e o sofrimento com o prazer em qualquer coisa. Não é a toa que temos aí o futebol, a paguera, os mexericos , a carpeta e tantas outras coisas. É claro ! Nós não somos os reis da paciência, não! Um dia o saco estoura ! Em tudo somos orientados, programados, reduzidos, criticados, e não há mais atitudes nossas. O "eu" é uma falsidade, e deveria ' ser abolido. Tudo, de fato, é no plural: nós... vós...além ! A hipocrisia impera e a coragem desaparece, cara ! Um dia eu viro' pinéo... endoideço de vez e saio gritando!...e grito alto !O que é que estão pensando? Se quiserem me banir da sociedade, me chutar p'rá todo lado, me jogar em qualquer canto, me tachar de débil mental, é problema deles. O dia em que eu estourar é de vez! ...e sai de perto que eu respingo merda p'rá todo lado !Eu nasci p'rá liberdade, bicho !... Liberdade total !...Liberdade interior Quando eu puder ser eu mesmo, em todos sentidos, eu quero que o mundo desabe e eu tô pouco ligando ! Não dá p'rá ligar não, ô cara ! Esta vida tá uma guerra... uma guerra, sim ! É um pega p'rá capá que não tem tamanho. Dá nego pisando em todo mundo e olhando só p'rá cima que é uma coisa. Não tem essa de irmão ajudando ' irmão, não ! Aqui, meu ... quem não é comido ! E quem não tem ' calção de couro que se vire ! No mundo inteiro isso é assim, bicho ! Não há governos nem teorias que possam modificar isso, não! É a lei da vida !... e isso já faz parte de cada um. É essa competição absurda de todas as camadas: o melhor isto, o mais alto ' "status", o melhor emprego, a melhor casa, o maior dinheiro, alguma casinha, um pequeno aluguel, um ranchinho qualquer, um lugar p'rá dormir, um pouquinho de chão, uma fome menor, um direito da vida e um lugar p'rá morrer . É isso a vida, que acontece aí o nosso mundo de hoje ! Mas, não tem nada não. A gente se acomoda, esquece tudo, ingressa no sistema e tudo bem. Deixa p'rá lá, cara ... deixa p'rá lá. (PAUSA BREVE) Deixa p'rá lá.



eu vou é ficar numa boa. Pega a viola e vamos em frente, aproveitando o assunto.

- C E N A - VIII -

(A iluminação permanece a mesma. O personagem dois toma o violão que se encontra ao lado do piano elevado em que está cantando, e ambos começam a entoar a canção)

Perdidos, beatos,
mulatos e brancos.
Vontades contidas
em risos e prantos.
Mas quantos cresceram
em vãs covardias
e quantos rebeldes
no fim pereceram.
São trilhas pisadas
por tantos guerreiros.
São carnes cortadas
por vis açougueiros.
São rios revoltados,
em tais correrias,
quem nada, naufraga,
quem não, ... sabe um dia !

(Apenas o personagem dois continua)

Guis de um gesto são,
De uma pobre luz, então,
jogar a sorte, a dor
sem poder, sem sentir,
arriscar !
Querer talvez um pouco
vingar o grito rouco, solto,
louco.
O medo, buscar em si
de já não ter coragem p'rá morrer,
Ver as raras forças, desistindo,
Unir mistérios, canto, pó,
p'rá ser contado entre os heróis



(Juntos, os personagens repetem a primeira parte. Depois, prossegue novamente o personagem dois, sozinho, na segunda parte, até o fim. Terminando a música, larga o violão, permanecendo sentado, e descansa os cotovelos nos joelhos, cruzando os dedos das mãos. Encara o personagem um. Aos poucos a luz vai incidindo a-pe nas sobre este que, ainda em pé, começa a declamar, com o olhar perdido. A luz incidente é vermelha.).

PERSONAGEM - 1

Juntar os erros, não todos,
unir conceitos, não tolos.
Jogar a sorte p'rá frente.
Viver talvez p'ro sistema,
sem transformar o esquema,
ser produto do ambiente.

PERSONAGEM - 2

(continua sentado, encarando o personagem um. A iluminação passa para este, tipo "spots", em verde)

Negar quereis a consciência ?

PERSONAGEM - 1

(Apenas a luz vermelha, incidindo sobre ele)

Equilíbrio...
fracasso...
acaso !
Mas não negueis a abertura,
crede num fim para mais,
vivendo forças iguais.

PERSONAGEM - 2

(Apenas a luz verde, sobre ele)

Provar quereis a liberdade ?

PERSONAGEM - 1

(Apenas a luz vermelha, sobre ele)



Neste silêncio imaturo,
sem compromisso,
apressado,
uma pergunta me vem:
terá sentido lutar ?

PERSONAGEM - 2

(Luz verde)

Pensais que não tendes fé ?

PERSONAGEM - 1

(Luz vermelha)

Estar,
sofrer,
comportar-se,
cortar-se,
moldar-se,
aderir... os tempos parecem outros !

PERSONAGEM - 2

(Persiste na mesma atitude. Iluminação apenas a luz verde)

Vislumbrais uma esperança ?

PERSONAGEM - 1

(Apenas a luz vermelha sobre ele)

E aquelas doídas horas,
aquele intento perdido,
aquela banalidade,
serão, por fim, superados !
Nova era de propostas:
tudo será bem mais simples!

(Enquanto o personagem um (1) senta em outro dos planos, o personagem dois (2) levanta-se e diz com entusiasmo, sob o reflexo da luz vermelha, apenas).



PERSONAGEM - 2

E veremos novos dias,
outro brilho em cada olhar,
novo som em velhos cantos,
apoteose da raça,
liberta até da desgraça
de competir sem ganhar !

PERSONAGEM - 1

(Continua sentado, encarando o personagem dois. Apenas a luz vem de ilumina o cenário).

E os ritos obrigatórios
das caducas estruturas ?

(Apaga-se a luz verde e o palco ilumina-se levemente com luz normal. O silêncio permanece por alguns segundos, com os personagens olhando-se. O personagem um, então, muda de atitude, assumindo um ar informal e inicia um diálogo)

PERSONAGEM - 1

Vem cá, ô meu ! Senta aí ! (Indica o outro plano elevado)
Qual é a tua afinal ? Até agora tu tá só numa de escola, nota 'de "é" ou "não é". Me conta... me diz quais são os teus grilos ?

PERSONAGEM - 2

(Já então sentado) Não tenho grilos, como dizes. Mas, claro, também tenho as minhas prisões, os meus condicionamentos.

PERSONAGEM - 1

E quais são eles ?

PERSONAGEM - 2

Vários, como os da maioria.

PERSONAGEM - 1

Mas, quais ?



PERSONAGEM - 2

(Levantando-se e passeando pelo palco) Das mais simples das mais complexas Existem formalidades, criadas por não sei quem, que julga tolas e às vezes absurdas, mas que todos obedecem, sob pena de serem ridicularizados. Queres um exemplo ? Há um modo dito correto de segurar um talher. Todos sabemos qual é. (Faz o gesto) Mas eu pergunto: se me sinto melhor segurando-o de outra forma, porque não fazê-lo ? Embora me sinta melhor segurando-o de uma maneira, tenho que segurá-lo de outra, apenas para obedecer uma regra estúpida de etiqueta e não ser tachado de "grosso".

PERSONAGEM - 1

(Ainda sentado) Péra aí, cara ! Isso é pequeno, é insignificante - te !

PERSONAGEM - 2

É só para veres que os condicionamentos vão das mínimas coisas até as de maiores conseqüências. Neste pequeno detalhe do talher a pessoa já excluiu o seu "eu", pois deixa de fazer alguma coisa como gostaria, para se condicionar ao comportamento dito normal para todos.

PERSONAGEM - 1

(Após um sorriso) Tô gostando... e que mais ?

PERSONAGEM - 2

É isso mesmo ! Embora o ideal fosse todos trabalharem no lugar certo, isto não acontece. O que ocorre então ? O trabalho passa a ser um sacrifício, uma coisa que detestamos. Agora, dentro de uma empresa, afrontando a consciência dos demais empregados, tens que aparecer aos olhos do patrão. Quando te dá conta, estás conversando animadamente com ele, verificando os problemas da empresa, aparentemente apaixonado pelo assunto, trabalhando de graça após o expediente, mostrando-te realizado com isso, (Fazendo um gesto forte) Hipocrisia... pura hipocrisia ! Condicionamentos em detrimento da tua liberdade.



PERSONAGEM - 1

(Fazendo um gesto de : avante) Tá legal, bicho ! Vai em frente!

PERSONAGEM - 2

Queres ver outro condicionamento ? Outro dia, conversando numa roda de amigos, uma das mulheres ali presentes disse para outra: - ...ele não pode vir, porque estava com uma dor nas partes. Ora, convenhamos,... que partes ? Acaso não têm nome ? E o resto, o que é ? Não são partes também ? Por que este tabu' em denominar estas "partes" com naturalidade ? Porque não dizer da mesma forma como falamos mãos, pés, pernas, braços, etc...?

PERSONAGEM - 1

(Levantando-se) Táí ! Matei ! Pela mesma razão porque tu evitas-te agora, falaste... falaste... mas não deste nome aos burros.

PERSONAGEM - 2

Eu sei. Não nego nada. Pelo contrário, pois não falo dos problemas dos outros. Falo dos nossos problemas. É claro que eu também estou no contexto. Eu sou cria deste mundo, desta sociedade, e não posso sair diferente. Pensar, sim ! Mas se vou agir da forma que penso,... hospício p'rá mim.

PERSONAGEM - 1

Podes crer, bicho ! Pouca gente pensa nisso. Essa pateta está numa outra. E quem tá pirado ? A gente ou o resto ?

PERSONAGEM - 2

É uma incoerência ! O homem é o ser superior porque pensa. Mas quem pensa, de fato, é visto por todos como maluco.

- C E N A - IX -

(Apagam-se as luzes do centro do palco. Os dois saem para o meio da platéia, iluminados por dois



gindo-se ao público).

PERSONAGEM - 1

E vós que tendes orgulho ?

PERSONAGEM - 2

E vós que sois ricos e poderosos ?

PERSONAGEM - 1

E vós que sois pobres e analfabetos ?

PERSONAGEM - 2

E vós que sois inteligentes ?

PERSONAGEM - 1

Já paraste alguma vez p'rá pensar ?

PERSONAGEM - 2

E o comodismo de cada dia ?

PERSONAGEM - 1

E a televisão antes do sono ?

PERSONAGEM - 2

E o espreguiçar do amanhecer ?

PERSONAGEM - 1

E o sexo só por costume ?

PERSONAGEM - 2

Não é rotina, rotina, rotina ?

PERSONAGEM - 1

Não será hora de reformulardes ?



PERSONAGEM - 2

E a gravata no acontecimento ?

PERSONAGEM - 1

E o batismo p'rá quem não crê ?

PERSONAGEM - 2

E o casamento sem amor ?

PERSONAGEM - 1

E o pucha-saquismo p'rá colcação ?

PERSONAGEM - 2

E a inveja de quem tem mais ?

PERSONAGEM - 1

Não será o momento de abolirdes ?

PERSONAGEM - 2

E o tempo para vosso filho ?

PERSONAGEM - 1

E o dar sem pensar em receber ?

PERSONAGEM - 2

E o aliviar a dor de quem sofre ?

PERSONAGEM - 1

E o conviver pacífico e humano ?

PERSONAGEM - 2

E o amigo das horas amargas ?



PERSONAGEM - 1

E a fé em vosso semelhante ?

PERSONAGEM - 2

E o rezar só por rezar ?

(A esta altura os personagens já estão saindo para a frente do público)

PERSONAGENS 1 e 2 (juntos)

(Em frente do palco, mas não nele; virados para a platéia)
ONDE ESTÁ ?... ONDE ESTÁ ?

- C E N A X -

(Ambos os personagens permanecem no mesmo lugar)

PERSONAGEM - 1

Eis o que mostram os medos,
eis a resposta à pergunta,
jogando o mundo em brinquedos,
eis nossa maldade junta.

PERSONAGEM - 2

Ter tornado raro o certo,
ter se vendido a alegria,
transformado o mundo aberto
numa tola fantasia.

PERSONAGEM - 1

Eis nossa mortal herança !

PERSONAGEM - 2

Por isso um grito contido
sugere um novo preceito:



PERSONAGEM - 1

Haja no homem mudança

PERSONAGEM - 2

Cultive-se o bem traído !
Tenha-se o mundo refeito.

- C E N A - XI -

(Os personagens sobem ao palco, ficando de costas para o público. Apagam-se todas as luzes do teatro. Os personagens voltam-se para os bastidores. Cai o cenário de fundo, erguendo-se uma tela totalmente branca. Acompanhando versos reproduzidos por gravador, projetam-se eslaides, dentro do seguinte roteiro).

ESLAIDE: -1 (Cenário de uma pessoa, de fraque e cartola, com dor de em riste, falando para uma multidão)

VOZ: - Na palavra do falso profeta,

ESLAIDE: 2 (Cenário contendo apenas um ponto de interrogação)

VOZ: - No amanhã de quem é agora,

ESLAIDE: 3 (Cenário contendo uma impressão digital)

VOZ: - no poema do falso poeta,

ESLAIDE: 4 (um rosto de um palhaço, rindo, com olhos fechados)

VOZ: - a risos de quem por aí chora,

ESLAIDE: 5 (cenário de um pássaro engaiolado, fazendo som rido)

VOZ: - No cansaço que a vida ignora,

ESLAIDE: 6 (dois homens: um com dinheiro saindo dos bolsos e segura por sua mão esquerda, sendo que a direita está no ombro do outro. O outro, pedindo esmolas, com os bolsos para fora. Ambos de costas)

VOZ: - na total negligência do amigo,

ESLAIDE: 7 (cenário de duas pessoas abraçando-se, delas aponta uma faca pelas costas)



eiramente)

VOZ:- no abraço do tal inimigo,

ESLAIDE: 8 (um rosto de um palhaço rindo com olhos vendados)

VOZ: - CONJUNTO DE DUAS VOZES:- Há risos de quem por si chora.

ESLAIDE: 9 (um cego, com óculos e bengala, tateando)

VOZ:- Na procura fatal da verdade

MESMO ESLAIDE E VERSO Nº 8-CONJUNTO DE TRÊS VOZES.

ESLAIDES: 10 (cenário contendo uma arapuca, armada)

VOZ: - no poder que a inocência piora.

MESMO ESLAIDE E VERSO Nº 8 -(Conjunto de 4 vozes)

ESLAIDES: 11 (cenário de um cemitério)

VOZ:- na apática dor da saudade,

MESMO ESLAIDE E VERSO Nº 8-(conjunto de 5 vozes)

ESLAIDES: 12 (um cenário da frente de uma sala, onde aparece a
indicação" DIRETORIA")

VOZ: - na base de tantos pilares,

MESMO ESLAIDE VERSO Nº 8-(conjunto de 6 vozes)

ESLAIDE: 13 (cenário de uma criança com a mão estendida, pedindo
em frente a uma escola)

VOZ:- na mão da criança que implora,

MESMO ESLAIDE VERSO Nº 8 (conjunto de sete vozes) volume au-
mentado.

ESLAIDE :14 (cenário de slide que se divide em duas partes: a
primeira, contendo uma casa luxuosa. A segunda, uma
choupana ou favela.)

VOZ: - enfim em todos lugares,

MESMO ESLAIDE, VERSO Nº 8-(conjunto de 8 vozes-volume
aumentado)



C E N A - XII

(Retorna o cenário inicial do segundo ato. No palco, sob a luz dos
dos sobre os planos elevados, quatro personagens masculinos e
uma mulher. Está iluminado apenas o cenário de fundo. Todas as
personagens trajam vestes brancas)

PERSONAGEM - 1

Pois aqui estou eu ! Um cara cheio de grilos, como até
dico, mas não crendo que alguma coisa possa mudar. Sou escava-
ve fatalista de meus condicionamentos. Penso até: de que me ali-
anta esse conhecimento de meus problemas interiores, se não posso
os modificá-los ? Questiono-me seguidamente: por que tudo isso ?
Por que tanta falsidade ? Eu amo a liberdade do pássaro, e há
quem a destrua; eu amo a beleza da flor, e há quem a arruine ;
eu amo a correria límpida da água, e há quem a polua. Questiono-
me outra vez: Que mundo é este onde há tanto ódio e tanta
amor ? Que vida é esta que nos obriga a vencer o próprio para
nos satisfazermos ? A paz, meu irmão, do jeito que vêm as coi-
sas, torna-se impossível. Como pode viver em paz quem vive a lu-
ta ? Como pode sentir-se tranqüilo quem deseja conquistas ?
Seria necessário uma reconsideração global. Seria necessário um
questionamento geral. E isso, meus caros, a meu ver, é impossi-
vel.

PERSONAGEM - 2

E pensar que, desde muito cedo, já nos estruturamos em função
de valores externos. Pensar que as conquistas contemporâneas
nos tornaram perpléxos ! Parece não sobrar mais tempo para uma
reflexão profunda, para um encontro com as mais íntimas aspira-
ções, para uma descoberta da feitura original das condições!
Lamentavelmente, até o presente, as descobertas do homem e for-
naram mais agitado, mais alienado, menos solidário e, mais sabe,
até mais confuso em sua missão de dominador da natureza.
Parece-nos mais forte hoje a presença de um homem que se torna
produto do ambiente, ao invés de submeter as condições ex-
teriores a bem da realização pessoal. O que fazemos para en-
lados meios de comunicação ? Você já pensou o quanto se depende
deles ? Já percebeu que estamos sendo levados para a natureza



de bando, onde a massificação dos indivíduos se torna a maior conquista dos sistemas repressivos e, ao mesmo tempo, é a melhor forma de eles exercerem seus domínios e imporem suas utopias? Talvez precisássemos reabastecer nosso crédito no ser humano, talvez precisássemos realimentar nossas esperanças, despertar nossas sensibilidades, reorientar nossas pretensões.

Talves fosse urgente rever nossas normas, nossos ritos, os costumes, os preconceitos, as deformações já comumente admitidas.

Talvez tenha chegado a hora apocalíptica em que estaremos sendo forçados a procurar novas luzes, capazes de tornar a existência um brinquedo fácil, simples, invejável!

PERSONAGEM - 3

Acho que o homem perde tempo em se preocupar com coisas supérfluas, quando tem diante de si problemas concretos e reais de existência. A vida, por mais que se filosofe, é o que realmente temos diante de nós. Temos que enfrentá-la e buscar as soluções, procurando sempre o caminho mais fácil e as respostas mais rápidas. Por que pensar em condicionamentos interiores, quando temos a fome para matar? Por que evitar a luta leal por um melhor posicionamento, por uma melhor condição de vida, quando é certo que temos de enfrentá-la? É no trabalho que nos devemos debruçar, esprendo melhores conquistas. E, se para isso precisamos fazer algum sacrifício, porque não o fazer? O que perdemos afinal? Irão nos chamar de capachos ou coisas assim? E daí?... Será apenas conversa de invejosos. Quem nos garante, que os mesmos que hoje falam, amanhã não nos estarão imitando? Quem nos garante que amanhã mesmo não nos estarão bajulando? Não que este seja o único caminho. Mas, aliado ao trabalho, à dedicação e ao esforço, é a arma que nos levará à vitória. Claro! Se for falar em condicionamentos como tantos, os meus serão bem maiores, ... mas não ligo p'rá eles. Jogo-os para trás e vou em frente. Já passou a época em que me detinha nesses pequenos problemas. Se hoje recebo ordens, através da luta com todos os armas disponíveis, através da abnegação, e do que mais for preciso, amanhã eu as darei. Deixei de ser um sonhador. Sei o que quero e quem eu me fizer. Meus horizontes são amplos e eu



PERSONAGEM - 4 (mulher)

Preciso exigir meus direitos. Preciso de um esforço para investir na própria vida. Se nós, os viventes de hoje, não garantirmos o mínimo de segurança, as futuras gerações sofrerão nosso cansaço, viverão nossas neuroses, carregarão nossas inertezas, nos culparão de termos desgastado ou esgotado as forças humanas vitais do universo. Preciso escrever um testamento de certezas. Preciso construir um marco de esperanças. Preciso purificar os espaços e as intenções, para que nossos filhos não herdem as descrenças, para que nossos filhos não vivam nosso desencanto, para que eles aspirem livremente ares que os tornem plenos de vida. Preciso inovar os conceitos, superar os desalentos. Preciso harmonizar tendências, compensar frustrações, para que nossos filhos adquiram verdades, para que nossos filhos tenham coragem, para que nossos filhos experimentem comunhão, para que eles estabeleçam entre si uma sadia troca de energias.

Precisamos ser espontâneos sem parecermos vulgares. Precisamos projetar os feitos de nossos antepassados, sem sermos rígidistas, intransigentes ou apaixonados. Precisamos ganhar vitórias com a tranqüilidade com que estamos oportunizando situações de realização.

PERSONAGEM - 5

Eu sou livre ! Sempre fui e sempre serei. Não me importam situações, circunstâncias, preços, compromissos. Nunca me acomodei a domínios fáceis. Detesto ser derrotado e, quando sou é com luta que me ergo. Jamais fujo de meus ideais. Preciso constantemente o meu "eu", mas também sei fugir. Sei fugir de todos os modelos de condicionamentos. Sei fugir de todos os tipos de opressões, disfarçadas ou não. Se me açoitam esquivo e dor. Transformo-a numa imensa revolta que só se acalmará quando aniquilar totalmente o carrasco. Ache todos os acomodos uns e outros. Sempre há algo para se melhorar. Nada mais importante do que nossa consciência interior. Sou um eterno virgativo e não suporto qualquer tipo de rotina. Ela gera inércia, insensibilidade. É necessário que se mude a vida, sempre que surgirem novos valores. Em qualquer tipo de sociedade, nunca fomos e não seremos dominados. E não acredite em forma de igualdade.



Cansai de estar entre os mais fracos, cansai de ver essa sociedade que se alicerça em falsidades, explorando uns, enganando outros, enaltecendo terceiros por meras conveniências. Cansai de suportar disfarces aparentando vantagens. Decidi rejeitar conformismos e conveniências ! Afinal, quem me obriga a estar sempre inserido, junto, agrupado ? Assumo meu desafio pessoal a parte independente de grupos, opiniões e aplausos.

C E N A - XIII

(Ouve-se orquestrada, a música do início do primeiro ato. Os personagens colocam-se em pé sobre os respectivos pedestais. O palco ilumina-se repentinamente. A música diminui de volume e os personagens projetam o texto para a platéia, pausadamente, com bastante pausa entre os versos, em forma de coro falado)

TODOS OS PERSONAGENS

Olhai o homem, escravo do trabalho,

PERSONAGEM - 1

Para sobreviver, ele precisa alienar-se.

PERSONAGEM - 2

Pensai em seus intentos,

PERSONAGEM - 3

seus desejos,

PERSONAGEM - 4

seus sonhos...

PERSONAGEM - 5

ou acaso pensais que esses valores morais
po de gente ?



TODOS OS PERSONAGENS

Olhai a escravidão dos que se negam como pessoas,

PERSONAGEM - 4

porque, se rebeldes, eles perderão oportunidades de vida.

PERSONAGEM - 1

Ou pensais que o mundo do trabalho a todos satisfaz, tudo facilita e sempre plenifica os espíritos ?

TODOS OS PERSONAGENS

Olhai os que se vendem, os que capitulam sempre, os que não fazem questão de serem escutados,

PERSONAGEM - 2

Porque, senão atuarem dentro desses padrões, lhes é tirada toda a oportunidade existencial.

PERSONAGEM - 3

Ou pensais que todas as pessoas carregam uma imagem positiva de suas condições vitais ?

TODOS OS PERSONAGENS

Olhai os que a sociedade marginaliza por seus próprios interesses.

PERSONAGEM - 5

Porque, se não existirem falhas a consciência das almas em mudança se transforma num inferno intolerável.

PERSONAGEM - 4

Ou pensais que os submundos são apenas frutos de si mesmas, como se o degradar-se fosse uma habitual aspiração humana?

TODOS OS PERSONAGENS

Olhai o mendigo de pão, de lar, de afetos, de oportunidades.



PERSONAGEM - 3

Porque sua presença sempre destoava dentro de nossas acrotações e facilidades.

PERSONAGEM - 5

Pensais, acaso que a burguesia não precisa dele ? Certo, então, justificaria ela seus excessos, aberrações, crimes ?

PERSONAGEM - 2

Ou pensais que a esmola não alivia principalmente as dores no rais de quem a dá ?

TODOS OS PERSONAGENS

Olhai os que nascem do acaso, aqueles cujo afeto foi bloqueado desde as origens,

PERSONAGEM - 1

porque se jogaram na existência como um fruto apenas de uma ação animalesca, num contexto que condena seu próprio existir e não suporta seus desajustes .

PERSONAGEM - 3

Ou pensais que o mundo da normalidade constitui maldade ?

PERSONAGEM - 2

Ou pensais que nossa moralidade tem força de conquista e testemunho ?

TODOS OS PERSONAGENS

Olhai os que renunciaram à vida,

PERSONAGENS- 1 e 2

Aqueles cujo suicídio vai sendo preparado dia a dia,

PERSONAGENS - 3 e 4

os que não acreditam mais,



PERSONAGEM - 5

porque perderam o amor próprio, porque desinteressaram-se com nosso comodismo, com nossa inércia, com nossa superficialidade.

PERSONAGEM - 1

ou pensais que sempre distribuimos energias positivas ?

PERSONAGEM - 2

Ou pensais que nosso descaso e descompromisso não destróem a harmonia interior das consciências ?

PERSONAGEM - 3

Olhai o conjunto de nossos pecados sociais,

PERSONAGEM - 1

Olhai os vilipêndios e afrontas a que estão submetidos os homens, sem culpa própria,

PERSONAGEM - 4

Olhai as amarras que nossas estruturas criaram, tentando talvez humanizar o universo,

PERSONAGEM - 5

Olhai a lamentável perda da simplicidade,

TODOS OS PERSONAGENS

Olhai como não se taenta para a dignidade de todos os pessoas,

PERSONAGEM - 2

Olhai como excluímos de nossa atenção tantos e tantos necessitantes,

PERSONAGEM - 3

Olhai como se rotulam as pessoas, tirando-lhes



dade, negando-lhes utilidade e até significação.

TODOS OS PERSONAGENS

Olhai ! ... e deponde as armas !

PERSONAGEM - 4

Soltai, com a maior urgência, as armas do egoísmo,

PERSONAGEM - 1

do descompromisso,

PERSONAGEM - 5

da defesa primeira dos interesses próprios.

TODOS OS PERSONAGENS

Largai a mortal arma da discórdia,

PERSONAGEM - 1

da desconfiança,

PERSONAGEM - 2

da vossa indignação fácil,

PERSONAGEM - 3

das vossas atitudes estudadas.

PERSONAGEM - 4

Libertai a luz do bem querer.

PERSONAGEM - 1

Demontrai o brilho das forças do coração.

PERSONAGEM - 5

Acostumai-vos a prender pelo hábito do simples,
Têneo, do informal.



PERSONAGENS - 1 e 2

(Bem lento) O L H A I :

PERSONAGENS - 3 e 5

se esta necessária metamorfose não acontecer, (suspende-se a música de fundo)

(TODOS OS PERSONAGENS FIXANDO ATENTAMENTE A PLATEIA)

PERSONAGEM - 1

É curta, muito curta, a trajetória do homem como ser intérprete do universo.

PERSONAGEM - 4

É CURTA, MUITO CURTA, A TRAJETÓRIA DO HOMEM, COMO SER INTERPRETE DO UNIVERSO !

PERSONAGEM - 2

É CURTA, MUITO CURTA, A TRAJETÓRIA DO HOMEM, COMO SER INTERPRETE DO UNIVERSO !

PERSONAGEM - 3 e 5

É CURTA, MUITO CURTA, A TRAJETÓRIA DO HOMEM, COMO SER INTERPRETE DO UNIVERSO !

PERSONAGENS - 1, 2 e 4

É CURTA, MUITO CURTA, A TRAJETÓRIA DO HOMEM, COMO SER INTERPRETE DO UNIVERSO !

TODOS OS PERSONAGENS

É CURTA, MUITO CURTA, A TRAJETÓRIA DO HOMEM, COMO SER INTERPRETE DO UNIVERSO !

(Apagam-se as luzes, fecha-se o pano. Ilumina-se o teatro).

